

## TEATRO

## "O escrivaniario"

I

A mímica é tão antiga quanto o homem. Antes de desenhar, esculpir, cantar ou tocar, o homem exprimiu os seus desejos e sentimentos por meio do corpo, seu primeiro e mais valioso instrumento.

Já nas civilizações orientais a execução do gesto se transformou em arte. China, Japão, Índia, Egito, foram o berço da pantomima. Filha dileta dos rituais das comunidades do Oriente, engatinhou no drama chinês, no "nô" japonês, na "mudrâ" hindu, nos ofícios funerários egípcios e na mitologia do país dos faraós, cresceu e viajou para a Grécia, transpôs as fronteiras do Império Romano, penetrou no circo e no anfiteatro, sobreviveu nos mistérios medievais, dominou a Commedia dell'Arte, conquistou Molière, gerou o boêmio Debureau.

Nessa incomensurável trajetória acompanhou homens de todas as raças, climas, religiões, como se fôsse algo pertinente à própria natureza humana. Jamais poderia separar-se dela. Entre as linguagens que conhece e utiliza, o homem não prescinde da mímica.

Acólita de sua genitora, a dança, irmã gêmea do drama, qual criatura peregrina e errante a pantomima vagueou pelos cinco continentes, expandiu-se por todo o globo. Esquecida em algumas épocas e em certos países, relegada a um plano secundário em certos períodos da história, jamais desapareceu de todo. Enquanto houver um homem sôbre a face da terra, o movimento e o gesto, elementos

expressivos da pantomima, continuarão a existir porque o movimento corpóreo, instrumento do mimo, acompanha fielmente

o homem desde a vida prenatal até a morte.

Ao artista não basta a capacidade de observar os movimentos e gestos das pessoas, como caminham, ficam de pé, sentadas ou deitadas, como conversam, riem, discutem, brigam... Cumpre-lhe a realização mais difícil na arte: exprimir, refletir tudo que enxerga e observa, permanecendo o mesmo. Ou como magistralmente ensinou Leonardo: "a alma do artista deve ser como um espelho que reflata todas as coisas, todas as povos, todas as cores, enquanto ele permanece o mesmo, tranquilo, radiante e puro".

A arte do mimo não conhece e nem se satisfaz com limites. O desenho espacial realizado pelos segmentos do corpo ou por todo o corpo, a materialização cinética de coisas vistas, sonhadas ou imaginadas, e pura expressão do concreto e do abstrato unicamente por meio do movimento, do gesto e da imobilidade, ascendem a tempos primitivos, nos quais o homem ansiava por conjugar o ser humano com alguma força maior do que ele; manifestava desejo de reproduzir fisicamente as impressões que lhe causavam os fenômenos naturais; nutria o anseio de utilizar o corpo como um meio de comunicação, como linguagem, entre ele e os seus companheiros, as forças da natureza e as divindades que cultuava.

NICANOR MIRANDA